



COM RESILIÊNCIA

Escrever: a resistência necessária

Escrever é um ato de resistência. Quando as nuvens se tornam mais densas a ponto de sufocar e fazer o ar rarefeito. Quando um certo torpor turva a capacidade de raciocínio. Quando a cegueira deliberada deixa difusa a visão, e a capacidade de ação parece manietada. Quando a angústia parece ser sua eterna companheira. Nesse caos, nesse túnel sem luz, aparece um convite para escrever. Como que a dizer: respire, tire a venda, ouse e sonhe, você não está só.

Os assuntos se embaralham neste momento de perplexidade. Ninguém pode escrever sobre mais nada enquanto 300 mil mortos ainda permanecem insepultos nas nossas memórias. Em um momento em que nem mesmo a nossa tradição – o nosso rito de passagem nas mortes – pode ser preservada. Nessa quadra trágica na qual a falta do abraço é substituída pelo olhar, mas que, no momento da despedida final, não temos sequer o olhar familiar que nos acaricia. Nem o abraço, nem o olhar. Só a solidão como companheira ou o olhar cansado, mas solidário, de um profissional de Saúde. Esse herói anônimo.

A dor é a companheira da indignação. Sabemos todos



ARTE PAULO MÁRCIO

Quem faz um poema abre uma janela. Respira, tu que estás numa cela abafada, este ar que entra por ela. Por isto é que os poemas têm ritmo, para que possas profundamente respirar. Quem faz um poema salva um afogado”.

MÁRIO QUINTANA

que a irresponsabilidade genocida do governo, que virou as costas para a ciência, que desprezou a vacina, que se vale da necropolítica, com a falta de empatia, que cultua a morte, faz do Brasil de hoje o país responsável por 1/4 de todas as mortes de covid-19 do mundo. Mas é necessário enfrentar, ainda que com a resistência literária.

Não vamos permitir que nos intimidem com a perversa ignorância física, com o boçal desconhecimento dos limites básicos da ética, do bom senso e até do humor. Os fascistas são bárbaros que não têm capacidade de compreender a ironia e que detestam poesia. Têm uma espécie de culpa enrustida de tudo, mesmo do que não sabem. Por isso, apelam para as armas, para a violência, para as ameaças. São covardes e canalhas.

É necessário saber enfrentar com resiliência as provocações diárias das tentativas de quebra da estabilidade institucional. Sem medo e com destemor. Sem escrúpulos, os idiotas fazem subleitura da aplicação do entulho autoritário que é a Lei de Segurança Nacional (LSN). Confundem, deliberadamente, a imprescindível liberdade de expressão, base de todo sistema democrático, com a orquestração financiada por grupos de extrema-direita que visam desestabilizar as instituições. Na exata diferença entre o respeito ao sagrado direito de opinião, base do sistema democrático, e o abuso e o arbítrio disfarçados de respeito para subverter a democracia é que reside a maturidade de um regime e de um povo. Cabe a nós prestigiar um e denunciar, enfrentar o outro.

Vamos fazer nosso ato de resistência acreditando na Ciência, na vida, na solidariedade e na poesia. Vamos nos refugiar em Fernando Pessoa na pessoa de Caetano:

“Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras... sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo”.

SuperVia acumula perda de mais de R\$ 460 milhões durante a pandemia



A SuperVia acumula uma perda financeira de mais de R\$ 460 milhões, resultado da redução de mais de 85 milhões de clientes, desde março do ano passado, quando foram identificados os primeiros casos de coronavírus no Brasil e medidas restritivas tiveram que ser implantadas pelo poder público. Atualmente, a concessionária atende cerca de 320 mil pessoas por dia, pouco mais da metade do que era transportado antes da pandemia. A expectativa da empresa é que o movimento de passageiros volte ao normal apenas em 2023.

Assim como os demais modais de transporte do Rio de Janeiro, a SuperVia depende basicamente da venda das passagens para manter a operação dos trens e não conta com qualquer subsídio do governo. Mesmo com a baixa demanda de passageiros, a concessionária tem gastos fixos para seguir com a operação, como a manutenção dos trens, das estações e da estrutura ferroviária.

Custos adicionais. Além disso, a concessionária assumiu custos adicionais com uma limpeza especial de trens e estações para contribuir com a prevenção do novo coronavírus. Até o momento, o custo total com a limpeza de trens e catracas e com a disponibilização de álcool gel nas estações ultrapassou R\$ 3,5 milhões.



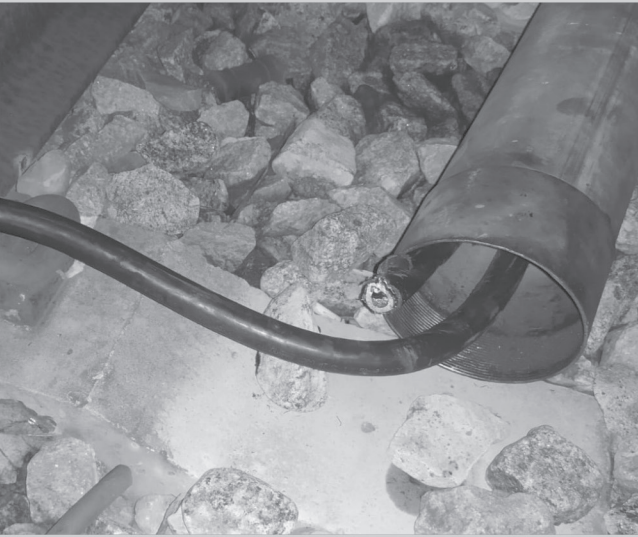
“Estamos conseguindo manter a operação dos trens, mesmo com esse prolongado período de baixa demanda, mas a crise financeira pode levar a uma degradação do serviço”, explica Antonio Carlos Sanches, presidente da SuperVia.



Telefone AGETRANSP: 0800 285 9796

Tiroteios e furtos de cabos também impactam a operação dos trens

Além da baixa demanda de clientes, o aumento da violência e a degradação social ao longo do sistema ferroviário têm gerado forte impacto na circulação dos trens. Esse ano, já foram contabilizados 128 furtos de cabos, o que representa um aumento de mais de 83% em relação ao mesmo período do ano passado. Aproximadamente 6 mil metros de cabos foram furtados. Além disso, já foram registrados também 5 casos de tiroteios, que prejudicaram a operação por mais de 11 horas. São constantes, ainda, os casos de vandalismo contra equipamentos como elevadores e escadas rolantes, por exemplo.



A SuperVia lembra que, de acordo com o contrato de concessão, a segurança pública dentro do sistema ferroviário é de responsabilidade do Governo do Estado. Os agentes de controle da concessionária não têm poder de polícia. Eles realizam rondas em ações preventivas e acionam os órgãos competentes sempre que necessário.